



## Políticas da imagem e da escrita: aspectos da imprensa estadonovista em prol da política da boa vizinhança (1941 – 1945).

Livia Lopes Neves\*

**Resumo:** Na década de 1940 o jornal *A Manhã* teve às suas páginas vinculado um suplemento panamericano chamado *Pensamento da América* (Rio de Janeiro, 1941 – 1948), que refletiu a adesão brasileira a essa política. Como parte integrante de um jornal oficial do Estado Novo, coube observar essa publicação de forma a atentar para algumas particularidades referentes às políticas de imagem e escrita adotadas, como por exemplo, a valorização da estética triunfalista e heróica - dando destaque à figura de Simón Bolívar, e a articulação entre a memória e o conhecimento histórico. Estes aspectos foram instrumentalizados com o sentido de viabilizar a renovação do sentimento em relação às 'repúblicas-irmãs' americanas. O suplemento selecionou textos calcados na historiografia e na literatura 'oficiais' para compor a publicação, denotando que o apelo ao mito bolivariano atuou como uma ferramenta na consolidação do panamericanismo como causa nacional.

**Palavras-chave:** Panamericanismo. Estado Novo. Pensamento da America.

**Abstract:** In the 1940s the newspaper *A Manhã* published a supplement called *Pensamento da America* (Rio de Janeiro, 1941-1948), which reflected the Brazilian adhesion to this policy. Some peculiarities related to the writing and image's politics guided this research, for example, the aesthetic appreciation of triumphalist and heroic figure, focusing on Simón Bolívar and the relationship between memory and historical knowledge. These aspects were exploited to enable the renewal of the sentiment about American's 'sister republics'. The supplement selected texts from 'official' historiography and literature to compose the publication, showing that the appeal to Bolivarian' myth served as a tool in the consolidation of panamericanism as a national cause.

**Keywords:** Panamericanism. Estado Novo. Pensamento da America.

O panamericanismo se tornou a partir da política da Boa Vizinhança uma causa brasileira defendida abertamente como prioridade do governo estadonovista. Para divulgá-la, o *Pensamento da America* - suplemento panamericano do jornal *A Manhã*, conhecido como

---

\* Aluna do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, em nível de mestrado. Atualmente, as áreas de interesse acadêmico são: periodismo cultural, panamericanismo, Estado Novo, intelectuais.

publicação oficial do Estado Novo, apresentou algumas figuras exponenciais do continente, especialmente as já consagradas pela historiografia e pela literatura americana. Aparentemente o intuito era o de alargar o sentimento pátrio, que naquela ocasião deveria ser instrumentalizado no sentido de que se tornasse continental. Era, em síntese, o momento,

[...] enfim, em que se fortalecem e estreitam a solidariedade e compreensão inter-americana ante o perigo comum, [e] agigantam-se a figura inconfundível e única do Libertador, ao contemplarmos como se concretiza o seu pensamento e a sua obra, através da palavra, da ação e do exemplo de Franklin Delano Roosevelt, em quem deparamos um irmão espiritual de Bolívar, pela ampla compreensão do destino da América e pela sua fé em fazer do Novo Mundo ‘a maior nação da terra, menos pela sua extensão e riquezas, do que pela sua glória e amor à Liberdade’, conforme as palavras do Libertador, na sua celebre Carta de Jamaica. (ALOY, 1942. c. 1, p. 27-28)

Nessa empreitada foram apresentados textos sobre a história, descrições de aspectos físicos e humanos dos países americanos, nomes dos ‘pais-fundadores’ da nacionalidade de cada país e, como tal se pretendia mostrar, as nações americanas eram sempre retratadas como promissoras, deixando assim os aspectos negativos que pudessem existir silenciados. Nesse sentido, a apresentação da história oficial dos países selecionados, bem como de toda série de elementos nela encarnados – e aqui destaco os heróis pátrios - cumpria o papel de quebrar a distância, instruir para superar o pouco conhecimento e promover a ampliação do sentimento de união. Esse último aspecto, que resultaria da difusão dos primeiros, tornava-se necessário para que a tônica discursiva não recaísse apenas sobre a proximidade geográfica, mas sim sobre o sentimento de orgulho dos brasileiros em compor o continente americano, promovendo assim, a identificação necessária para a união continental.

Assim, para amar a América era necessário conhecê-la, sendo por isso apropriada a veiculação do discurso cívico, tão caro ao Estado Novo, mas agora reproduzido nas páginas do suplemento com fins de apresentar as ‘profundas’ e ‘naturais’ raízes da união continental. A divulgação de nomes de grandes estadistas, intelectuais e heróis do continente pode ser encarada como uma tentativa de aproximar realidades, agregar ao sentimento nacional o orgulho advindo de feitos memoráveis de outras nações americanas, e oferecer a elas nossos ‘grandes nomes’ e ‘feitos’, como motivo comum de orgulho, como elo de comunhão e pertencimento a mesma comunidade.

Partindo dessa série de elementos observáveis na publicação em questão, atentou-se para a figura do herói, detentor de perfil “que se mantém constante, inalterado, ao longo de toda a sua vida, [o] que confirma sua excepcionalidade” (OLIVEIRA *in* PESAVENTO, 2003, p. 67) e que necessariamente é a pessoa que venceu as adversidades de forma triunfante e sacrificada, o que oferece “exemplo, conforto e esperança aos comuns mortais” (OLIVEIRA

in PESAVENTO, 2003, p. 75). Além de encarnar a exemplaridade, suas virtudes emprestam ao povo uma espécie de denominador comum, um modelo a ser imitado. E é justamente, segundo Bornhrin, esse elemento comum, entre outros aspectos, que cria o sentimento de nacionalidade (BORNHRIN in NOVAES, 2003, p. 217).

Em relação à escolha e afirmação de uma personalidade heróica, é bastante elucidativo recorrer às palavras de Burke, quando este escreve sobre o mito:

[...] algumas pessoas são mais mitogênicas que outras; o mito muitas vezes lhes atribuem qualidades das quais não existem quaisquer provas de que sequer as possuíram. [...] o elemento central na explicação dessa mitogênese (consciente ou inconsciente) de enquadramento, em algum aspecto ou aspectos, de determinado indivíduo em um estereótipo vigente de herói ou vilão - governante, santo, bandido, feiticeiro, ou seja lá o que for. Esse enquadramento impressiona a imaginação das pessoas, e começa a circular histórias sobre o determinado indivíduo, oralmente, a princípio. Ao longo dessa circulação oral, entram em atividade os mecanismos comuns de distorção [...] esses processos ajudam a assimilação da vida do indivíduo em particular por determinado estereótipo, segundo o repertório presente na memória social e, determinada cultura. (BURKE, 2000, p. 79-80)

Finalizado tal processo, completa Burke, ocorreria a “cristalização” pela qual as histórias flutuantes seriam vinculadas ao novo herói. Tomando tal análise como referência, é admissível dizer que Bolívar encarnou todos os elementos necessários para tornar-se um dos grandes nomes heroicizados da América, especialmente por cumprir a expectativa por um líder forte (SANTOS, 2003, p. 80), típica de momentos de instabilidade política, como o processo de emancipação das colônias hispano-americanas.

A construção do mito em torno de Bolívar perpassou pela constituição de um lugar de memória capaz de preservar o mito de origem e os pais fundadores da América independente do esquecimento. Daí decorreu também a fundação da memória histórica, que uniu a constituição comemorativa e construtiva do fato, consolidando uma temporalidade definidora da história advinda dos vencedores, brancos e proprietários (VESENTINI in REINATO, 2000, p. 104). Tal processo passou muitas vezes pelo crivo de verdadeiros guardiões da memória que desacreditavam qualquer análise que maculasse a figura do personagem histórico. Esse foi, por exemplo, o caso de Vicente Lecuna (1870-1954), banqueiro por profissão e historiador por afeição (HARWICH, 2003, p.13), responsável pela restauração da Casa Natal do Libertador na Venezuela e que se tornou guardião árduo da documentação e da memória do Libertador.

Regina Abreu, em seu *A fabricação do imortal*, analisou a construção do mito em torno das figuras heróicas, a partir da ótica dos centros produtores e guardadores da memória, especificamente o museu, responsável tradicionalmente por zelar a imagem dos grandes

homens, já que “o servidor do Estado não deve jamais ser exposto em imagem desfavorável. Tudo o que pode contribuir para engrandecê-lo é o que deve ser exibido” (ABREU, 1996, p.17). É notório o caso, nesse sentido, da publicação da biografia de Bolívar escrita por Salvador de Madariaga em 1951, que gerou extrema polêmica e consequente revidade de Lecuna e da Sociedade Bolivariana da Venezuela, que condenaram o livro. Anos mais tarde a Academia Nacional de História viria a retratar-se em declaração pública pelo episódio.

A eleição e a vitória de uma memória heróica em torno de Bolívar foi o fator responsável pela renegação de textos como o de Marx.<sup>1</sup> A historiografia, ao subordinar-se às primeiras edições de documentos de caráter bolivariano, tendo em vista que as compilações foram produzidas por partidários de Bolívar, e ao referendar a narrativa histórica de glorificação da segunda metade de século 19 (FREDRIGO, 2005, p. 71 e 56), participou dos processos de disputa sobre a imagem e significado de Bolívar e propagou a versão que entrelaçaria a vida do general ao processo de emancipação até o início da década de 1970. (FREDRIGO, 2008, p.4)

O historiador Eduardo José Reinato grifou as palavras do historiador argentino Túlio Halperin Donghi, que ganham relevo quando falamos de Bolívar:

A historiografia tradicional da América Latina, mas que explicar a vitória revolucionária, prefere a tarefa inesgotável de cantar a grandeza dos semidivinos heróis fundadores, e nisso não se equivoca inteiramente: a figura dos organizadores da vitória constituiu, na realidade, uma das chaves para compreender precisamente essa vitória. (REINATO, 2000, p. 14)

Isso porque, a história das lutas pela independência e sua conquista pautou-se grandemente na história dos vencedores e dessa forma se perpetuou. Além disso, por essa mesma reprodução historiográfica, a vida de Bolívar mesclou-se ao destino da América e dele foi dificilmente dissociado. Segundo Reinato, a fundação heróica, nesse caso específico, foi fruto das intenções das camadas brancas dominantes que

tiveram necessidade de construir um lugar para a figura do herói como elemento superador das diversidades étnica e social, as elites precisavam

---

<sup>1</sup> Na busca pela construção de uma história didática acerca da vida de Bolívar, pautada especialmente em revisão bibliográfica, Castro não poderia deixar de citar o caso de Karl Marx, que segundo suas palavras é “o mais famoso dos antibolivarianos históricos”. Escrito em 1858, o opúsculo sobre Bolívar para o *The New American Cyclopaedia*, foi vetado por Charles Dana, editor da obra. Castro comenta o *mea culpa* de Marx em carta a Engels, onde o primeiro dizia ter “fugido um pouco ao tom enciclopédico”, mas não por isso, sua indignação se acalentava: “seria ultrapassar os limites querer apresentar como um Napoleão I o canalha mais covarde, brutal e miserável. Bolívar é o verdadeiro Souloque.” Segundo nota explicativa do autor, Faustin-Élie Souloque, a quem Engels denominou o protótipo de Napoleão III, foi um ex-escravo que se fez coroar imperador no Haiti como Faustin I. Deposto, morreu no exílio. Era uma figura grotesca aos olhos dos europeus. Seria esse o ponto mais baixo da obra “marxiana”, segundo Castro, não apenas pela tendenciosidade explícita, como também pela pouca qualidade da pesquisa que os erros no verbete evidenciavam: em relação ao sobrenome de Bolívar, que é Palacios e estava como Ponte (sobrenome de seu pai), ou quando Marx escreve sobre a morte de Bolívar, atribuindo a ela um fator contraditório a todas as fontes, a repentinidade. Ver CASTRO, 1988, p. 10 e MARX, 1858.

também produzir uma utopia da América que eles queriam ver construídas e o fizeram, inspirados por elementos de uma estética romântica, valorizando os aspectos da natureza, da posição geográfica da América, ao mesmo tempo em que gestavam um novo homem americano. (REINATO, 2000, p. 16)

Nesse sentido, o surgimento de personagens-síntese do processo de consolidação do Estado Nacional tomou forma para colaborar com o delineamento de uma consciência nacional geradora de unidade e hierarquização. Assim, “os líderes constituíram-se como personagens dentro de uma estética triunfalista: Miranda, o Precursor; Santander, o Senhor das Leis; Páez, o llanero, o homem da tropa; Sucre, o Sucessor; Bolívar, o Libertador” (REINATO, 2000, p. 38). Em contrapartida, os anti-heróis foram criados para enaltecer ainda mais os aspectos positivos dos heróis, que constituídos passaram a ocupar “o vazio da memória coletiva, aberto após a diluição da figura do rei com o processo da independência” (REINATO, 2000, p. 38) e a estarem intimamente ligadas ao mito fundacional da nação. Dessa forma, estava imposta à sociedade “uma imagem de grande apelo visual e emocional, portanto, de identificação” capaz de criar uma memória heróica através da valorização de conteúdos morais e da inteireza desse personagem heróico. (REINATO, 2000, p. 61)

A historiadora e pesquisadora Fabiana Fredrigo pontuou que certamente Bolívar consagrou-se como herói americano e ultrapassou as fronteiras da Venezuela, tornando-se “o personagem mais lembrado e associado à defesa e a vitória da independência na América hispânica” (FREDRIGO, 2005, p. 109). Mais do que isso, torná-lo herói era uma forma de representar a convergência entre negros e índios, agregando, assim, a diversidade americana por uma causa maior - a coesão nacional, apesar de ser visível o paradoxo incrustado no discurso de Bolívar em relação às raças negra e indígena.

A constituição da memória em torno de Bolívar, muito embora tenha sido e continue sendo objeto de disputas, teve como fator importante de consolidação e perpetuação uma ação particular do próprio Libertador. A compulsão por escrever cartas foi objeto de análise da historiadora Fabiana Fredrigo, que estudou o epistolário bolivariano produzido entre os anos de 1799 e 1930, através da coletânea organizada por Vicente Lecuna. A autora chegou à conclusão que a escrita de missivas escondia a ânsia de oferecer para a posteridade um personagem público, irretocável e desprovido de vida privada (FREDRIGO, 2005, p. 33). Além de Libertador, Bolívar pretendia ser o decifrador da América e, como lemos em *Guerras e Escritas: A correspondência de Simón Bolívar*, o atrelamento de seu nome ao de herói continental é recorrente e em grande medida atribuído à vitória de seu discurso epistolar (FREDRIGO, 2010, p. 124), que representa uma memória criada voluntariamente sempre que possível.

A especialista no epistolário bolivariano enfatizou que “não havia como, para o caso de Simón Bolívar, a historiografia escapar da versão do ator histórico; a seu modo, Bolívar teria atuado como historiador, quando selecionou, registrou e arquivou os “fatos” e, conseqüentemente, “o ator histórico foi tomado como único intérprete capaz de contar a história da independência nos territórios da Grã-Colômbia e do Peru” (FREDRIGO, 2005, p. 271). A partir daí, pode-se citar inúmeros casos de utilização de seu nome e da sua imagem heroicizados, como elemento de aglutinação e orgulho nacional e continental. O escritor estadunidense Waldo Frank, figura recorrente no *Pensamento da America*, escrevendo em 1951, por exemplo, citou Bolívar como o homem criador de uma nova realidade, “campeão” da democracia e da liberdade. (HARWICH, 2003, p. 16.)

Evidencia-se dessa forma que tal culto possui raízes históricas e sua divulgação de forma intensa nas páginas do suplemento *Pda*<sup>2</sup> buscou a apropriação das significações dele advindas. O artigo intitulado *O culto a Bolívar através da Revista de La Sociedad Bolivariana* nos mostrou isso quando a redação do suplemento afirmou que

O culto à memória do Libertador, em vários países da América mantido por diversas “Sociedades Bolivarianas, transparece, em toda a sua pujança de verdadeiro sentimento cívico coletivo, nas páginas das publicações pelas mesmas entidades editadas, como é o caso da “Revista de La Sociedad Bolivariana”, órgão da Sociedad Bolivariana da Venezuela, cujo número 9, relativo aos últimos meses de 1941, apareceu, então, em Caracas. (REDAÇÃO, 1942. c.1, p. 95)

O *Pensamento da America* ao demonstrar que esse culto ultrapassou as fronteiras venezuelanas e alastrou-se por toda a América, como inferimos a partir da leitura do trecho acima citado, se colocou como cultuador devotado e, como já mencionado brevemente, indicou sua predileção pelo nome de Bolívar, apresentado não apenas como o herói da América hispânica, como também de toda a América. Dessa forma, o Brasil era incluído no discurso bolivariano que foi reutilizado no novo contexto de união continental, garantindo, assim, a divulgação do panamericanismo como uma causa não momentânea ou efêmera. Ainda que alertando para o fato de que “O Libertador acalentava o grande ideal da Confederação Pan-Americana dos povos de origem espanhola” (HANDSOME, 1942. c. 5, p. 26), a exclusão do Brasil passava despercebida quando, em frases como a do artigo *Simón Bolívar (O libertador)*, lia-se que

As suas [de Bolívar] avançadas idéias panamericanas – hoje concretizadas – tinham por finalidade o que presentemente contemplamos – a solidariedade e a aliança Pan-Americana entre todas as nações do continente, unidas por idéias comuns. A visão política de Bolívar precedia um século de civilização. (HANDSOME, 1942. c. 5, p. 26)

---

<sup>2</sup> Refere-se ao suplemento *Pensamento da America*.

O Brasil, dessa forma, se encontrava diante e em meio à concretização da solidariedade e da aliança panamericana, e como tal, não era permitido negar

[...] ao Libertador a glória de ter levado à prática a idéia da Federação de Nações Americanas, que o céu escute os votos de duzentos e cinquenta milhões de americanos e seja Franklin Delano Roosevelt, com a cooperação de ilustres homens que governam hoje as nossas Repúblicas, o realizador desse magno ideal! (ALOY, 1942. c. 2, p. 27-28)

Alimentava-se, assim, o sonho panamericano dos anos 1940, que era também, conforme se pregava nas páginas do suplemento, o de todos os americanos que se animavam diante de tantas semelhanças que aproximavam os estadistas daquele tempo a Bolívar ou a outros grandes próceres do continente.

Em parte do texto transcrito de Juan Montalvo (1832-1889) pelo *PdA*, por exemplo, o autor compara dois líderes das independências americanas, um do norte e outro do sul, demonstrando que as ligações entre o continente possuíam mais raízes do que se pudesse imaginar. Dessa forma, “Entre Washington e Bolívar, há de comum a identidade de fins, sendo, assim, que o anelo de cada um se cifra na liberdade de um povo e no estabelecimento da democracia” (MONTALVO, 1942. c. 2, p. 59), Ou ainda,

Washington se apresenta mais respeitável e majestoso à contemplação do mundo. Bolívar mais alto e ‘resplandescente’: Washington fundou uma República que, logo depois, veio a ser uma das maiores nações da terra. Bolívar fundou também, uma grande nação, porém, menos feliz que seu irmão primogênito, a viu desmoronar-se e, embora não destruída, pelo menos desfigurada e apoucada.” (MONTALVO, 1942. c. 4, p. 59)

Assim, iam se delineando semelhanças capazes de promover a identidade continental, sentimento esse que deveria ser resgatado das idéias bolivarianas. Em um artigo intitulado *De Bolívar a Roosevelt*, remetendo-se aos Congressos do Panamá (1826) e do Rio de Janeiro (1942), respectivamente, foram citadas as frases de Saenz-Peña, que, como um estudioso da questão americana, disse que em política a América teria que se voltar para as idéias de Bolívar (ALOY, 1942, c. 1, p. 27-28), ou, expressando-se no mesmo sentido, de Francisco Garcia Calderón, quando este se manifestou da seguinte forma: “século depois, o continente obedeceria seus desígnios, como a um conjuro divino” (ALOY, 1942, c. 1, p. 27-28), comentando a Carta de Jamaica, uma das primeiras manifestações “proféticas” do Libertador. Tanto o estadista platino, como o pensador peruano estariam corretos diante da afirmação categórica dos ideais do “gênio tutelar da nossa América” na Reunião de Chanceleres que teve lugar no Rio de Janeiro.

O ‘profeta’ e ‘gênio’ Bolívar encontraria outros adjetivos e qualificativos dentro das edições do suplemento. Handsome<sup>3</sup>, por exemplo, no artigo intitulado *Simón Bolívar (O libertador)*, descreveu Bolívar como o detentor de idéias que por serem muito avançadas para seu tempo puderam ser apreciadas apenas por uma elite reduzida “que abraçou conscientemente os alevantados objetivos do grande patriota” (HANDSOME, 1942. c. 3, p. 26). Adiante, em *Retrato de Simon Bolívar*, Osvaldo Orico<sup>4</sup>, “evoc[ou] a figura e a ação do grande Capitão da América” (ORICO, 1942. c. 1, p. 217) , a ele referindo-se da seguinte forma:

Que[m] foi Bolívar? Caudilho, herói, Quixote, condutor de exércitos, libertador de povos, fundador de nações? Que papel representou na vida americana? Todos esses, e mais outro. Um papel que talvez passasse despercebido até pouco tempo, mas que adquire súbito relevo, a proporção que os acontecimentos o revelam. Sendo tudo o que foi para a sua época, representa para a nossa, mas do que o Libertador: o Vidente. A grandeza não se mede hoje unicamente pelo que se realizou com a espada, ou permitiu com o coração. Avalia-se pelo que traçou e previu, com o cérebro, adiantando-se ao calendário, numa velocidade de cálculo que excede a todo poder de previsão. Deixa de ser apenas o instrumento da vitória, para tornar-se o centro de um sistema político voltado para o futuro. (ORICO, 1942. c. 1, p. 217)

Concluindo o artigo, Orico afirmou que Bolívar viveu várias existências, sendo em vida dândi, don juan, quixote, poeta, jogador, espadachim, multimilionário, ditador de moda, afeito a jogos (ORICO, 1942. c. 3, p. 217). Unamuno por sua vez afirmou que “Se ele não houvesse existido, a humanidade não estaria completa” (ORICO, 1942. c. 5, p. 217). O herói pujante, sua vida movimentada e por vezes contraditória e sua morte trágica e precoce provocavam curiosidade. O *PdA* se propôs a inquietar, ao menos superficialmente, as dúvidas em relação à figura apresentada com tantos elogios e colocada em um pedestal destacável no panteão erguido pelo suplemento. Para isso, foram selecionados apenas escritores que enaltecem sua figura, como Argeu Guimarães, diplomata que participou de várias missões no exterior, sendo inclusive delegado do Brasil no Congresso do Panamá de 1926, colaborador de inúmeros periódicos no Brasil e no exterior e que esteve vinculado a várias instituições culturais e científicas, como a Academia Nacional de História da Colômbia e da Venezuela, além de ter sido professor da Escola Nacional de Belas Artes e da Escola Naval de

<sup>3</sup>A pesquisa em dicionários bio-bibliográficos de escritores, heterônimos e pseudônimos americanos revelou-se infrutífera na busca pela identidade de Handsome.

<sup>4</sup> Osvaldo Orico (Belém, 1900 - Rio de Janeiro, 1981). Membro da Academia Brasileira de Letras e funcionário do serviço público federal brasileiro que atuou como diretor da Divisão de Educação Extra-Escolar do Ministério da Educação e Saúde Pública e como funcionário do Ministério das Relações Exteriores na função de Conselheiro Comercial, além de ter participado de inúmeros encargos e missões oficiais. Os dados biográficos de Osvaldo Orico encontram-se em MICELI, Sergio. *Intelectuais e a classe dirigente do Brasil (1920-1945)*. In: *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 235-237.



Guerra,<sup>5</sup> que teve trecho de seu livro *Bolívar e o Brasil* publicado em forma de artigo em uma edição de 1943. Segundo ele,

Sobre a trama genial da sua ação, sobreleva a beleza espanhola dum ‘caballero’ de antiga estirpe, denodado, sonoro, vibrante, varonil na atitude, eloquente na palavra, teatral no gesto. Compulsando os documentos conservados e transmitidos pela memória e veneração de muitos povos ligados à sua glória, não podemos fugir a evidência dum pensamento superior à mentalidade que lhe foi contemporânea, profundo, inspirado, clarividente, magnânimo. (GUIMARÃES, 1943. c. 1, p. 33)

Bolívar era apresentado - ou sua figura era lembrada - nas páginas do suplemento panamericano do Estado Novo da forma como este breve apanhado dos artigos relacionados à sua figura pôde demonstrar. O suplemento apresentou de forma grandiloquente os grandes nomes e grandes feitos do Brasil e do continente, um verdadeiro panteão de heróis americanos, ação imbuída de racionalismo e sentimentalismo à medida que era capaz de representar sinteticamente o passado das Américas, já que a tais nomes foi entrelaçada a própria história do continente. Esse panteão heróico foi presidido, se assim se pode dizer, por Simón Bolívar, tendo em vista o maior número de edições e artigos do *PdA* a ele destinado.

Foi então, dessa forma, que o Estado Novo utilizou, através de um órgão de comunicação porta-voz de seu governo, a imagem do ‘Libertador’ como representativa de uma política de união continental que então se pretendia consolidar. As figuras heróicas e a carga simbólica que delas advém, os rituais, cultos, símbolos e cerimônias, que quando criados e reproduzidos buscavam construir as identidades (SOUZA, 2009, p. 156) e legitimar as elites governantes, alimentaram no Brasil dos anos 1940 o panamericanismo.

## FONTES

Suplemento **Pensamento da America**. Jornal *A Manhã*: Rio de Janeiro, 1941-1948. (material microfilmado da Coleção Plínio Doyle, Fundação Casa de Rui Barbosa). O microfilme pertence ao acervo do LABHARTE/CFH - Universidade Federal de Santa Catarina. Foi utilizada a versão digitalizada de acervo pessoal.

Suplemento **Pensamento da America**. Jornal *A Manhã*: Rio de Janeiro, 1941. (material microfilmado da Fundação Biblioteca Nacional). O microfilme pertence ao acervo do Laboratório de História Social do Trabalho e da Cultura/CFH - Universidade Federal de Santa Catarina. Foi utilizada a versão digitalizada de acervo pessoal.

---

<sup>5</sup> Os dados bio-bibliográficos de Argeu Guimarães, encontram-se em J. F. Velho Sobrinho. *Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1940, v. 2, p. 204-205.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Regina. **A Fabricação Do Imortal: Memória, História E Estratégias De Consagração No Brasil**. Rio De Janeiro: Lapa/Rocco, 1996.
- ALOY, M. Angel, De Bolívar A Roosevelt. *In: Suplemento Pensamento Da America*. Rio De Janeiro: A Manhã, 22 Jan. 1942.
- ANDERSON, Benedict. **Nação E Consciência Nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- BERABA, Ana Luiza. **América Aracnídea: Teias Culturais Interamericanas**. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BORNHRIN, Gerd. Natureza Do Estado Moderno. *In: NOVAES, A. (Org). A Crise Do Estado Nação*. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BURKE, Peter. **Variedades De História Cultural**. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CARVALHO, José Murilo De. Nação Imaginária: Memória, Mitos E Heróis. *In: NOVAES, Adauto (Org.). A Crise Do Estado-Nação*. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTRO, Moacir Werneck De. **O Libertador: A Vida De Simón Bolívar**. Rio De Janeiro: Rocco, 1988.
- CRESPO, REGINA. Introducción. *In. \_\_\_\_*. **Revistas En América Latina: Proyectos Literarios, Políticos Y Culturales**. México: CIALC/Eón Editores, 2010.
- FERES JÚNIOR, João. **A História Do Conceito De Latin America Nos Estados Unidos**. Bauru: EDUSC, 2005.
- FREDRIGO, F. **A Correspondência Dos Generais Da Independência No Século XIX E A Conformação De Culturas Políticas Na América Latina**. Vitória/ES. Anais Do VIII Encontro Internacional Da ANPHLAC. Vitória/ES: ANPHLAC, 2008.
- FREDRIGO, Fabiana De Souza. **História E Memória No Epistolário De Simon Bolívar (1799-1830)**. Tese (Doutorado), Universidade Estadual De São Paulo – UNESP, Franca, SP, 2005.
- FREDRIGO, Fabiana. **Guerras E Escritas: A Correspondência De Simón Bolívar (1799-1830)**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- GARCIA, Néelson Jahr. **Estado Novo: Ideologia E Propaganda Política**. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

GIUNTA, Andrea. Misión Imposible: Nelson Rockefeller Y La Cruzada Del Internacionalismo Artístico. *In.* SALVATORE, Ricardo (Org.). **Culturas Imperiales: Experiencia Y Representación En América, Asia Y Africa.** Rosario: Beatriz Viterbo, 2005.

GOMES, Angela De Castro. Cultura Política E Cultura Histórica No Estado Novo. *In:* ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). **Cultura Política E Leituras Do Passado: Historiografia E Ensino De História.** Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GOULART, Silvana. **Sob A Verdade Oficial: Ideologia, Propaganda E Censura No Estado Novo.** São Paulo: Marco Zero, 1990.

GUIMARÃES, Argeu, Bolívar E O Brasil. *In:* **Suplemento Pensamento Da America.** Rio De Janeiro: A Manhã, 28 Mar. 1943.

HANDSOME, Simón Bolívar (O Libertador). *In:* **Suplemento Pensamento Da America.** Rio De Janeiro: A Manhã, 22 Jan. 1942.

HARRISON, Lawrence E. **The Pan-American Dream: Do Latin America's Cultural Values Discourage True Partnership With The United States And Canada?** Westviewpress, 1998.

HARWICH, Nikita. **Un Héroe Para Todas Las Causas: Bolívar En La Historiografia.** 2003. Disponível Em [Http://Www.Iai.Sp-berlin.de/Fileadmin/Dokumentenbibliothek/Iberoamericana/10-Harwich.Pdf](http://Www.Iai.Sp-berlin.de/Fileadmin/Dokumentenbibliothek/Iberoamericana/10-Harwich.Pdf). Acesso Em 19/07/2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque De. Considerações Sobre O Americanismo. *In.* \_\_\_\_\_. **Cobra De Vidro.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978, 2º Edição.

KARNAL, Leandro. **O Brasil E A América Latina Denegada.** Porto Alegre: Ciências E Letras, N. 28, Julh/Dez. 2000.

MARX, Karl. **Simón Bolívar.** The New American Cyclopedia, Volume III, 1858. Disponível Em [Http://Www.Marxists.Org/Portugues/Marx/1858/Mes/Bolivar.Htm](http://Www.Marxists.Org/Portugues/Marx/1858/Mes/Bolivar.Htm). Acesso Em 03/11/2010.

MEDINA, Mario Olivo. En Torno A La Historia De Repertorio Americano. *In.* CRESPO, REGINA. **Revistas En América Latina: Projectos Literarios, Políticos Y Culturales.** México: CIALC/Eón Editores, 2010.

MICELI, Sergio. Intelectuais E A Classe Dirigente Do Brasil (1920-1945). *In:* **Intelectuais À Brasileira.** São Paulo: Companhia Das Letras, 2001.

MONTALVO, Juan. Bolívar, Napoleão, Washington. *In:* **Suplemento Pensamento Da America,** Rio De Janeiro: A Manhã, Mar. 1942.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A Construção Do Imaginário Brasileiro De Ontem E Hoje. *In*. PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **História Cultural: Experiência De Pesquisa**. Porto Alegre: Editora Da UFRGS, 2003.

ORICO, Osvaldo, Retrato De Simón Bolívar. *In*: **Suplemento Pensamento Da America**. Rio De Janeiro: A Manhã, 20 Dez. 1942.

PIAZZA, M. F. F.; NEVES, Livia L. **Bolívar Entre Textos E Imagens No Suplemento Pensamento Da America: Mito, Profeta Ou Herói?** *In*. Asociación De Historiadores Latinoamericanos Y Del Caribe, Na Cidade De Santa Marta (ADHILAC), Colômbia, Mai. 2010.

REDAÇÃO. O Culto A Bolívar Através Da Revista De La Sociedad Bolivariana. *In*: **Suplemento Pensamento Da America**. Rio De Janeiro: A Manhã, 24 Mai. 1942.

REINATO, Eduardo José. **El Quijote De Los Andes E O Imaginário Da Independência Na América (1810-1830)**. Goiânia: Editora Da UCG, 2000.

SANTOS, Fábio Murici Dos. **A Querela Dos Heróis: Liderança Política E Ethos Americano Em Rodó**. São Paulo: *Revista História*, 22 (2): P. 79-98, 2003.

SCHAWARCZ, Lilia Moritz. Estado Sem Nação: A Criação De Uma Memória Oficial No Brasil Do Segundo Reinado. *In*: NOVAES, Adauto (Org.). **A Crise Do Estado-Nação**. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SOBRINHO, J. F Velho. **Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro**. Rio De Janeiro: Ministério Da Educação E Saúde, 1940.

SOUZA, Susana Bleil De. **A Palheta E O Pincel Na Construção De Um Mito Fundador**. *Revista Esboços*, N° 20.

VESENTINI, C. A; DECCA, E. De. **A Revolução Do Vencedor**. *Contraponto*. Rio De Janeiro. N. 1, Novembro De 1976.

**Recebido em Novembro de 2011**  
**Aprovado em Janeiro de 2012**